

INIQUIDADE RACIAL NO ACESSO AO EXAME PREVENTIVO PARA O CÂNCER DE COLO DE ÚTERO NO BRASIL: ANÁLISE DE UMA DÉCADA (2014 -2023)

Rosana Moysés^{1,2}; Juliana Vianna Gonzalez Pazos³, Janaína de Oliveira e Castro³, Nely Caires^{2,3}, Breno de Oliveira Ferreira⁴, Fabiana Mânica^{2,3}, Raquel Esteves¹, Sara Lima¹

1 Innovation in Health and Well-Being Research Unit, CESPU, Portugal.

2 Observatório de Saúde Comunitária, Saúde Ambiental e Territórios Sanitários, Universidade Federal do Amazonas, Brasil.

3 Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Amazonas, Brasil

4 Faculdade de Psicologia, Universidade Federal do Amazonas, Brasil

- **Tipo de relato:** Relatos de Pesquisa
- **Eixo transversal:** Epidemiologia e Determinantes Sociais do Processo da Saúde e Doença.

Resumo:

Introdução: O câncer do colo do útero é a neoplasia feminina mais comum nos países menos desenvolvidos e hoje ocupa o terceiro lugar como causa de morte feminina no mundo. Esta neoplasia é considerada uma doença relacionada à determinantes sociais como: pobreza, condições desfavoráveis de vida e raça/cor. A literatura já considera a raça como um importante fator de risco para esta neoplasia. Segundo o Instituto Nacional do Câncer para o triênio 2023-2025 estimam-se 17.010 casos novos de câncer do colo do útero no Brasil, o que significará uma incidência de 15,38 casos por 100 mil mulheres. Todo esse panorama deixa claro que o câncer do colo do útero é um importante problema de saúde pública no Brasil. **Objetivo:** Analisar o acesso ao exame preventivo (Papanicolau) para o câncer de colo de útero segundo raça/cor no Brasil no período de 2014 a 2023. **Método:** Estudo ecológico, descritivo, quantitativo, retrospectivo, de caráter exploratório, com uso de dados secundários dos 26 estados brasileiros e o Distrito Federal, obtidos no Banco de Base Pública do Sistema de Informação do Câncer por estados, base públicas do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS), no período de 2014 a 2023. As variáveis analisadas foram: raça/cor; número de exames (citologia/papanicolau); local de residência; escolaridade; faixa etária (15 a 80 anos ou mais), exames alterados; motivo de realização do exame e tempo para receber o resultado do exame alterado. Os dados foram inicialmente descritos e organizados no software Excel utilizando sua planilha eletrônica para armazenamento e a análise estatística foi processada e realizada através do programa IBM Statistical Package for the Social Science (SPSS), versão 24. Para caracterização do perfil das mulheres que realizaram os exames preventivos por raça/cor e distribuição, segundo região e estado, no período de 2014 a 2023 considerando escolaridade; faixa etária (15 a 80 anos ou mais); motivo de realização do exame e tempo para receber o resultado do exame alterado foi realizada a estatística descritiva. Foi calculada a proporção do exame de Papanicolau por raça/cor, considerando estas variáveis e o local de residência. **Resultados:** No período analisado foram realizados um total de 55.854.716 (cinquenta e cinco milhões, oitocentos e cinquenta e quatro mil,

setecentos e dezesseis exames) em mulheres na faixa etária de 15 anos a 80 anos ou mais no Brasil. Sendo que 45,85% dos exames foram realizados por mulheres brancas, seguidas de 29,84% das mulheres da raça amarela, 17,64% de mulheres pardas e 6,15% de mulheres pretas e por fim somente, 0,52% de mulheres da raça indígena. Cumpre citar que em todos os estados a maior concentração dos exames foram na raça/ cor branca e amarela, e menores percentuais na raça parda, chamando a atenção o baixo percentual de exames na raça indígena, mesmo no estado com maior população indígena do país, o estado do Amazonas. Em relação à escolaridade, 3,17% das mulheres que se autointitularam brancas e realizaram o preventivo eram analfabetas, 8,12% das mulheres pretas e cerca de 6,5% das pardas eram analfabetas, 6,15% das mulheres amarelas e nas indígenas esse percentual era de 11,43%, cumpre citar que as mulheres brancas eram a maioria com ensino superior completo (7,19%), nenhuma das demais raças/cor atingiram um percentual acima de 4,5% com ensino universitário. Em relação ao tempo para de resultados dos exames alterados, as mulheres da cor branca foram as que mais receberam os resultados em até 30 dias (46,02%), já as mulheres da raça indígena representaram o maior percentual de exames alterados com resultados recebidos depois de 60 dias (32,39%), seguidas das mulheres da cor parda (21,58%). Quando analisamos o motivo do exame em todas as raças/cor, majoritariamente os exames foram realizados para rastreamento (98%). **Considerações finais:** Os resultados corroboram a literatura no que tange ao menor acesso aos serviços de saúde para diagnóstico precoce do câncer de colo do útero para mulheres pretas, pardas e indígenas. Isso se reflete na maior mortalidade devido esta neoplasia nestas mesmas mulheres. Os achados também reiteram a literatura sobre a relação da escolaridade com a busca por cuidado, e a manutenção do perfil nacional de maior escolaridade em mulheres brancas. Outro dado é a demora dos resultados de exames alterados, que novamente as mulheres indígenas e pardas são as mais prejudicadas. As conclusões gerais reforçam a preocupação de fortalecimento de políticas públicas de prevenção do câncer de colo de útero que considerem a iniquidade racial, mas convém reforçar que este estudo, por ser baseado em dados secundários de bases públicas, não contempla em sua discussão, os dados socioeconômicos, para melhor debate da iniquidade imposta a mulheres vulnerabilizadas, sendo então apenas um recorte, que consegue retratar parte do problema e estimulando estudos futuros que abordem o tema de forma mais ampla.

Palavras-chave: Iniquidade em saúde, Teste de Papanicolau, Neoplasias do Colo do Útero